

Glenn W. Erickson e John A. Fossa. *Panacum de Paradoxos*. Natal: EDUFRN, 2006. 191 páginas

*Nemone de Sousa Pessoa**

Com uma larga e indiscutível experiência no meio acadêmico os autores em questão proporcionam ao leitor, dado o nome sugestivo da presente obra, “panacum”, uma viagem intelectual e fantástica pelo mundo dos paradoxos. Os paradoxos formulados também trazem a explicação das tentativas para resolvê-los. Em sua grande maioria, eles foram retirados de uma obra anterior e de mesma autoria, *Dictionary of Paradox* (1998), no que se diferem por estarem dispostos em coleções temáticas, proporcionando um estudo mais específico para os pesquisadores que se interessam pelo assunto.

As investigações dos autores nos convidam ainda a refletir sobre a interligação muitas vezes despercebida entre as ciências matemáticas e as de caráter filosófico. Nesse contexto, percorre os caminhos trilhados por aqueles cujas idéias estão presentificadas em importantes obras matemáticas e filosóficas sistematizadas por renomados estudiosos, como Aristóteles, Bertrand Russell, Graham Priest e W. V. Quine.

O volume é constituído de doze capítulos e logo nas páginas iniciais os autores abrem um diálogo imaginário entre Aristóteles, Platão e Eudoxo sobre o paradoxo do “mentiroso”. Na seqüência formulam os famosos paradoxos matemáticos gregos de Zenão, um dos primeiros a fazer uso da idéia de infinito e que através do curioso paradoxo da corrida entre Aquiles e a tartaruga afirma que se a tartaruga partir com um avanço de n metros em relação a Aquiles este nunca conseguirá alcançá-la.

O capítulo três traz os paradoxos da matemática moderna, entre eles, podemos destacar um que está relacionado com a teoria

* Mestranda do PPGEd/ UFRN.

dos conjuntos, o paradoxo de Cantor, que mostra a contradição que surge se comparar pelo tamanho o conjunto de todos os conjuntos e o seu próprio conjunto potência (ou conjunto das partes); e outros como os Paradoxos de Burali-Forti e o de Curry de linha semântica.

O capítulo seguinte é dedicado aos paradoxos da teoria dos jogos onde se investiga de forma interessante as melhores estratégias para jogos que envolvem aplicações da teoria da probabilidade e teoria de decisão; o paradoxo da loteria é um forte exemplo. Em contrapartida, no capítulo cinco, os paradoxos das ciências naturais abordam temas relacionados à Física, como hidrostática e termodinâmica, e ainda enigmas muito intrigantes como o paradoxo dos gêmeos (ou dos dois relógios) onde a teoria da relatividade é verificada em uma situação aparentemente simétrica a de um astronauta no espaço.

O sexto capítulo é de caráter político e investiga os paradoxos do estado moderno liberal burguês; trata-se de uma revisão da literatura que diz respeito a estrutura e operação do moderno estado liberal burguês, assim traz os Paradoxos Ideológicos, do Liberalismo, do Utilitarismo, entre outros.

O título do capítulo sete é “Paradoxos de Decisão Social”, nele as mais importantes abordagens de decisão social são apresentadas. O paradoxo de votação, por exemplo, prevê uma igualdade de peso entre os eleitores; outros paradoxos com regras alternativas de votação também são mencionados, como o paradoxo de Ostrogorski, cuja conclusão de que a “maioria” dos eleitores prefere as posições do partido perdedor é questionada. Partindo para outra linha de investigação, os paradoxos de cunho teológico ou paradoxos da salvação são retratados no capítulo oito. Estes são argumentados com base nas concepções heterogêneas de salvação, concepções estas que se desenvolveram rapidamente entre as tradições religiosas.

No capítulo nove, “Antinomias Kantinianas”, os autores visam recuperar o sentido das antinomias. Por isso, apresentam uma seqüência delas aduzidas por Immanuel Kant, assim nomeadas, Antinomia da Razão Prática, Antinomia do Juízo Teológico, as

Antinomias Cosmológicas e a Antinomia do Gosto, fundadas em um propósito de mostrar-nos que é possível chegar, com igual exatidão, a conclusões contraditórias sobre o mundo como um todo. Cada antinomia tem uma tese e uma antítese contraditória que desafiam-nos a resolvê-las de outro modo através de reformulações mais adequadas.

O décimo capítulo faz um estudo sobre a Genealogia de um Paradoxo e destaca uma linha de argumentação que se originou no Paradoxo da Indução de Hume, passa pelos Paradoxos de Confirmação de Carl Hempel (o conhecido paradoxo dos corvos) e Nelson Goodman e chega ao Paradoxo de seguir uma Regra do Wittgenstein, analisado por Saul Kripke. Já no penúltimo capítulo são apresentados os paradoxos de identidade e translação que seguem a linha dos paradoxos semânticos onde se discutem conceitos de verdade e referência. O paradoxo da Análise, por exemplo, envolve a questão da identidade de proposições em um tipo típico de translação da filosofia analítica.

Esta rica abordagem se encerra com os sete paradoxos e dilemas clássicos conhecidos pelo uso de um raciocínio mais simples. Entre eles, o Dilema do Crocodilo, o famoso Paradoxo do Barbeiro, ou ainda o Paradoxo da Lâmpada, que demonstram incoerências em nossas crenças e padrões de pensamento e acabam por testar os nossos conceitos.

É certo que um texto de divulgação científica conceitualmente equivocada pode causar sérios danos ao nível cultural do grande público. Felizmente não é este o caso do presente livro, visto que, ele traz um grande número de referências e sugestões para leituras adicionais apresentadas ao final de cada capítulo, favorecendo a compreensão da própria história contextual e tornando-se uma obra de referência. Saber preservar a tradição e valorizar o presente e o futuro é o grande desafio de qualquer pesquisador que queira socializar o conhecimento e difundir as diversidades. Por isso, cogite e solte-se do plano terreno embarcando nessa viagem com os famosos paradoxos da humanidade.